



HISTÓRIAS AMAZÔNICAS: MITOS E LENDAS NA SALA DE AULA

Amazonian Stories: myths and legends in the classroom

Kelly Cristina Batista de CASTRO¹

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Tatiana de Lima Pedrosa SANTOS²

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar o uso de mitos e lendas amazônicas no processo de ensino-aprendizagem de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, e, para tanto adota uma abordagem qualitativa, utilizando o estudo bibliográfico como método principal. A fundamentação teórica está embasada, sobretudo, nas concepções de Jolles (1976); Marcuschi (1997); Moreira e Candau (2003); Munduruku (2015); e Yamã (2012). As concepções desses autores entrelaçam-se com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), documentos oficiais que norteiam o sistema de educação brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Ensino-aprendizagem; Histórias; Oralidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the use of Amazonian myths and legends in the teaching-learning process of children in the early years of Elementary Education. This work is an excerpt from an ongoing master's research, and, to this purpose, adopts a qualitative approach, using bibliographic study as the main method. The theoretical foundation is primarily based on the concepts of Jolles (1976), Marcuschi (1997), Moreira and Candau (2003), Munduruku (2015), and Yamã (2012). The ideas of these authors are intertwined with the National Common Curricular Base (Brasil, 2018) and the National Curricular Parameters (Brasil, 1997), official documents that guide the Brazilian education system.

¹Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas, ICSEZ/UFAM. Especialização em Educação Infantil e Alfabetização pelo Claretiano Centro Universitário; Professora SEDUC/AM; Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH/UEA - Manaus/AM; Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM. E-mail: kelly_86batista@hotmail.com.

²Doutora e Mestre; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduação em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: tdpedrosa@uea.edu.br.



KEYWORDS: Amazon. Teaching-learning. Stories. Orality.

INTRODUÇÃO

Para iniciar o diálogo no âmbito da nossa reflexão, as histórias que propomos discutir neste artigo são as narrativas orais, aquelas que, de acordo com Yamã (2012), são contadas pelos(as) avós aos pores-do-sol. Essas narrativas, contadas pelos mais velhos são também conhecidas como histórias dos encantados que passam de geração em geração e, para muitos, embalam sons e sonhos de infância. Munduruku (2015) nos diz que as histórias contadas por muitas vozes nos transmitem segurança, principalmente quando o ouvinte se depara com um mundo que lhe parece estranho.

As histórias dos encantados - mitos e lendas amazônicas - envolvem seres que, de acordo com Maués e Villacorta (2004, p. 21), “[...] são considerados normalmente invisíveis aos olhos dos simples mortais. Entretanto, podem manifestar-se aos seres humanos comuns de formas diversas”. Essas narrativas orais sobrevivem no tempo, sendo contadas e recontadas pelo povo. No entanto, é necessário dialogar sobre o uso dessas narrativas no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar, considerando que elas estão permeadas por um contexto marcado por dicotomias. De acordo com Marcuschi (1997), por fazerem parte da cultura de grupos socialmente minorizados, a estrutura formal da escola privilegia a escrita em detrimento da oralidade. Isso é resultado de um processo histórico no qual a escola, como espaço de ensino-aprendizagem que deveria estar voltado à valorização da diversidade cultural, enfrentava - e ainda enfrenta – inúmeros desafios.

Nesse sentido, trabalhar as narrativas orais amazônicas, mitos e lendas, nos anos iniciais do Ensino Fundamental é alfabetizar utilizando a literatura da região, abordando as diferentes culturas que formam o vasto território amazônico. Para tanto, os professores são desafiados a ensinar e formar um ser de linguagem, atendendo às expectativas dos documentos oficiais da educação, que fazem uma série de menções a conteúdos e práticas que, até pouco tempo, não eram considerados no ambiente escolar, mas que são tão necessários para a formação humana.

Embora existam pesquisas significativas sobre histórias orais amazônicas, este trabalho busca tecer reflexões sobre os mitos e lendas como instrumento de conhecimento em sala de aula. Assim, o objetivo desse trabalho é analisar o uso de

Revista Conexões de Saberes, v. 8, n. 2, Ago-Dez 2025 ISSN: 2447-097X



mitos e lendas amazônicas no processo de ensino-aprendizagem de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A fundamentação teórica está embasada, sobretudo, nas concepções de Jolles (1976), estudioso sobre literatura oral; Marcuschi (1997), que tem pesquisas sobre oralidade no contexto escolar; Moreira e Candau (2003), que estudam sobre pluralidade cultural no currículo escolar; Munduruku (2015), escritor indígena com contribuições voltadas à literatura indígena; e Yamã (2012), escritor amazonense que aborda lendas, mitos e a vida indígena. As concepções desses autores entrelaçam-se com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documentos oficiais que norteiam o sistema de educação brasileiro.

1 Metodologia

O referido artigo é o recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que adota uma abordagem qualitativa, pois, conforme Pimenta (2011), ao estudar os fatos qualitativamente, passamos a conhecê-los de maneira mais significativa. O método utilizado foi o estudo bibliográfico, que permitiu realizar um levantamento e uma revisão das produções acadêmicas relacionadas à temática em questão, com base no título e nas palavras-chave. Essa abordagem possibilitou o acesso a trabalhos publicados, além de conhecimentos sobre as concepções discutidas por outros estudiosos, facilitando a assimilação de conceitos e a identificação de aspectos que precisam ser mais explorados.

Assim, foram analisados especificamente livros e artigos referentes a narrativas orais; oralidade em sala de aula; interculturalidade no currículo escolar; narrativas orais amazônicas; mitos e lendas; além de documentos oficiais que norteiam o sistema educacional. As fontes consultadas para o levantamento bibliográfico incluíram livros físicos e virtuais, artigos publicados em anais de congressos nacionais e internacionais, revistas e periódicos de pesquisa vinculados a instituições públicas de ensino superior que abordam a temática, assim como dissertações de mestrado.



2 Mitos e lendas em sala de aula

As narrativas orais são mencionadas por Jolles como “forma simples” (1976, grifo nosso), que “nasce sempre sob a égide de uma atividade mental, a multiplicidade e a diversidade do ser e dos acontecimentos se condensa em gestos verbais” (ALBERTI, 2003, p. 2). Esses gestos verbais podem se apresentar não somente na forma oral, mas também através das diferentes linguagens, possuindo funções estruturais específicas que não abordaremos neste trabalho, pois ultrapassam o campo definido do referido estudo.

No território amazônico, é comum contar e/ou ouvir histórias, como os mitos e as lendas. Essas narrativas transmitem conhecimentos carregados de afetos, valores e tradições que relaciona o ser humano à natureza. Passam de geração em geração e são formas de transmissão de conhecimentos peculiares dos povos originários. “Elas, então, fazem parte da cultura imaterial, que não se pode tocar, mas ouvir. São expressões culturais que [...] vão gerações de vidas, numa afirmação étnica de suas identidades” (BRUNO, 2023, p. 34).

De acordo com SANTOS (2016):

Os mitos, de modo geral, são narrativas que os povos antigos utilizavam para explicar fatos reais e fenômenos da natureza que não eram compreendidos por eles. Carregado de simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis, o mito tem finalidade de transmitir conhecimento e explicar fatos que a ciência ainda não havia explicado (SANTOS, 2016, p. 5).

No que se refere à lenda, CASCUDO (2006, p. 112) menciona que, “a lenda explica qualquer origem e forma local, indicando a razão de um hábito coletivo, superstição, costume transfigurado em ato religioso pela interdependência divina”. Nesse sentido, os mitos são histórias fantásticas que narram os fatos sob uma perspectiva mítica, envolvendo seres sobrenaturais, enquanto as lendas explicam a origem ou a existência de algo real, acrescentando ao enredo características sobrenaturais. Assim, na lenda, há fragmento do mito ou mesmo o mito em sua totalidade.

Os mitos e lendas, enquanto narrativas orais amazônicas, fazem parte do imaginário popular e resultam de um processo coletivo milenar. Essas histórias



encantadas são contadas em rodas de conversas entre familiares, amigos ou vizinhos, não tendo hora específica para serem contadas. Quase sempre, as narrativas acontecem ao anoitecer ou durante o dia, à sombra das árvores nos quintais, onde se mantém viva a memória dos antepassados e perpetua-se uma das muitas formas de ensinar e aprender.

Essas narrativas passam de geração a geração e são formas de transmitir conhecimentos muito análogas à forma de transmissão de conhecimentos dos povos originários. Nesse sentido, Camara Cascudo menciona que narrativas orais são “Poranduba do tupi – por (o que há) e endub (escutar) ou andu (notícias, histórias)” (1984 apud SALES, 2020, p. 12, grifo do autor).

Dessa forma, pode-se perceber que os mitos e as lendas na Amazônia estão relacionados aos conhecimentos dos povos originários, que não somente explicam a existência das coisas no mundo por meio do sobrenatural, mas que também ensinam os seres humanos a ter uma boa relação com a floresta. Caso contrário, eles são punidos por seres sobrenaturais, que se constituem como guardiões da natureza. SALES (2020) menciona que a prática de narrar os mitos não só encanta o ouvinte, como também o ensina, o educa e o disciplina; não só pode sensibilizá-lo e acalmá-lo, como também pode corrigi-lo e atemorizá-lo, até incitá-lo e admoestá-lo, dependendo de como as histórias são conduzidas e com que propósito são narradas.

Assim, trabalhar em sala de aula mitos e lendas amazônicas no processo de ensino-aprendizagem de crianças é mediar o conhecimento escolarizado, levando o aluno a conhecer as diferentes culturas amazônicas numa perspectiva lúdica e interdisciplinar. Além disso, através dos mitos e das lendas, são transmitidos costumes, crenças, tradições, sotaques, modos de falar e sentimentos que fazem parte das identidades de um ou mais povos. Para tanto, é necessário dialogar cientificamente sobre como os mitos e as lendas são usados em sala de aula, valorizando as formas simples de ensinamentos que, por muito tempo, não tiveram o espaço devido no ambiente escolar, por fazerem parte da cultura de grupos minorizados socialmente, e na escola quase sempre há a hegemonia da escrita sobre a oralidade.

MARCUSCHI (1997) menciona que a oralidade, por muito tempo, não foi bem aceita no ambiente escolar, conseguindo apenas timidamente ocupar um espaço em sala de aula entre as décadas de 1930 e 1950. No entanto, a exposição oral, ainda que introduzida nos programas oficiais de ensino, era voltada para a correção da fala, ou



seja, a exposição oral era vista como lugar de erro. Somente na década de 1990, após muitas mudanças positivas no sistema de ensino, decorrentes de políticas públicas, foi possível um trabalho efetivo em sala de aula sobre a oralidade.

LEITE (2020) nos diz que, após muitos questionamentos e pesquisas, a oralidade vem, aos poucos, ocupando um espaço no processo sistematizado de ensino-aprendizagem. Atualmente, os documentos oficiais que norteiam a Educação Básica mencionam mais claramente o uso dos gêneros textuais orais em sala de aula. As narrativas orais amazônicas passam a aparecer de diferentes formas no espaço escolar, algo perceptível em algumas coleções de livros didáticos e em livros paradidáticos.

A BNCC (BRASIL, 2018), documento atual que regulamenta a produção dos materiais didáticos e os currículos das escolas brasileiras, em conformidade com Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), reflete o avanço das ciências da linguagem. O referido documento faz a seguinte referência:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (BRASIL, 2018, p. 76-77).

A delimitação das práticas de linguagem que ocorrem em modalidade oral, juntamente com o uso dos gêneros textuais orais descritos na BNCC, permite compreender que a língua falada começa a ser entendida pelo sistema de ensino como dinâmica, e não como homogênea ou monolítica. Outra situação mencionada pelo referido documento é a diversidade de formas de tecer as narrativas orais amazônicas em diálogo com os demais conteúdos do currículo. De acordo com a BNCC, “as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (BRASIL, 2018, p. 67-68).



Nesse contexto, MOREIRA e CANDAU (2003) mencionam que:

Em vez de preservar uma tradição monocultural, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje posta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar (MOREIRA e CANDAU, 2003 p. 161).

De acordo com o PCN de Pluralidade Cultural (1997, p. 54), em sala de aula “devem ser abordados os regionalismos, especialmente no tocante aos acentos da língua oral”. Nessa perspectiva, as narrativas orais amazônicas, os mitos e as lendas, como instrumento pedagógico em sala de aula no território amazônico tornam o processo de ensino-aprendizagem, especificamente o processo de alfabetização, mais significativo por estar carregado de simbologias do contexto sociocultural do aluno.

3 Resultados

Diante das abordagens dos autores referenciados neste artigo foi possível perceber que os mitos e as lendas amazônicas podem compor um riquíssimo trançado com os conteúdos curriculares propostos pelos documentos oficiais de ensino, pois, possuem simbologias e ensinamentos relevantes e necessários de serem trabalhados em sala de aula numa perspectiva interdisciplinar.

Os mitos e as lendas amazônicas, por procederem da linguagem falada, da tradição popular, possibilitam à escola trabalhar os diferentes contextos socioculturais, que por muito tempo foram negligenciadas no ambiente escolar, sendo que o conhecimento sistematizado estava fortemente centralizado no modo do conhecimento eurocêntrico.

Essas narrativas propiciam o aprendizado do aluno a partir de formas simples, contextualizadas e afetuosas, possibilitando leituras e interpretações que vão além do aprendizado da escrita. Neste contexto, é necessário que sejam articuladas com os demais conhecimentos propostos nos documentos oficiais da educação, pois, ajudam o



aluno a desenvolver a compreensão da sua relação com o mundo, ponderando o passado, o presente e o futuro.

Mediante os documentos oficiais da educação, as narrativas orais podem ser contadas através das diferentes linguagens propostas por esses documentos, bem como, através das linguagens artísticas e multimidiáticas. Essas possibilidades de trabalhar as narrativas orais amazônicas em sala de aula permitem tanto a perpetuação das narrativas orais enquanto cultura imaterial, quanto o aprendizado dos valores que norteavam os nossos antepassados a estabelecerem relações de bem viver com o meio em que viviam. Assim, as narrativas orais amazônicas são recursos pedagógicos favoráveis de entrelaçamento de conhecimentos populares com os conhecimentos sistematizados, que, bem planejados e aplicados em sala de aula, favorecem o aluno refletir acerca das realidades contemporânea, percebendo o lugar onde vive, considerando os conhecimentos dos povos ancestrais, pois, não existe somente uma forma de compreender o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho foi possível analisar o uso das narrativas orais amazônicas, mitos e lendas, no processo de ensino-aprendizagem da criança nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Mediante a análise, constatou-se que, ao utilizar em sala de aula essas histórias, é possível trabalhar o cotidiano do aprendiz amazônida, e através da atuação didático-pedagógica docente abordá-las numa perspectiva interdisciplinar, estimulando no aluno habilidades e competências descritas nos documentos oficiais que norteiam a educação brasileira.

Em suma, os mitos e lendas amazônicas são narrativas orais que propiciam ao aluno conhecer os aspectos históricos e socioculturais da Região Amazônica de forma lúdica, por serem histórias fantásticas que perpassam gerações. Isso favorece o aluno imaginar, interpretar, instigar, desenvolver o senso crítico e conhecer as raízes ancestrais do contexto sociocultural da referida região.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: Simpósio Nacional de História, 2003, João Pessoa. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento**



e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL, Ministério da educação. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRUNA, Poliana de Almeida. **As vozes anciãs da aldeia Severino/Tefé-AM: contando histórias, construindo identidades e afirmação étnica**. Orientadora: Cristiane da Silveira. 2023. 87 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas) - PPGICH/UEA - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

JOLLES, André. **Formas simples**. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

LEITE, Marli Quadros (org.). **Oralidade e ensino**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. Pajelança e encantaria amazônica. In: PRANDI, R. (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p. 11-58.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Concepção de língua falada nos manuais de Português de 1º e 2º graus: uma visão crítica**. In: Reunião anual da SBPC, nº 49º, 1997, Belo Horizonte/MG. "Ciência hoje, Brasil amanhã". Universidade Federal de Minas Gerais: UFMG, 1997. p. 39 - 79.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos**. Rev. Bras. Educ.[online], n. 23, p.156-168, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/53953>. Acesso em: 3 de jan. de 2025.

MUNDURUKU, Daniel. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (org.). **Contaçõ de histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 21 - 28.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetivos complexos**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SALES, Maria da Luz Lima. **Imagário juvenil na Foz do Amazonas** [livro eletrônico]: boto, Maria Vivó e Matinta Pereira. 1. ed. Santa Maria, RS: Arco Editores, 2020.



SANTOS, Maria do Socorro Libório dos. **O guaraná de Maués e as narrativas orais no Ensino de Língua Portuguesa.** Dissertação em Educação Agrícola - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, 2016.

YAGUARÊ, Yamã. **Um curumim, uma canoa.** Ilustrações de Simone Mathias. Rio de Janeiro: Zit, 2012.